

LICÃO Nº 13 – O DISCERNIMENTO DO CRISTÃO

Subsídio elaborado por
Inacio de Carvalho Neto

E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Comentários iniciais:

- Estudamos neste trimestre a respeito das falácias das ideologias que contrariam a Palavra de Deus. Nesta última lição do trimestre, vamos estudar a respeito do discernimento do cristão, que é a maneira pela qual podemos nos livrar dessas falácias.
- A pergunta principal aqui é: como podemos saber se algo que ouvimos sobre Deus é realmente verdadeiro? Afinal, vocês acham que todo pregador ou toda mensagem que ouvimos, seja na igreja, seja na internet, seja em qualquer lugar, falam de acordo com a Bíblia? Infelizmente não. Portanto, precisamos discernir as mensagens. Como? É isto que vamos estudar nesta lição.
- Discernir não é desconfiar de tudo, mas ter os olhos espirituais abertos para enxergar com clareza o que é de Deus e o que não é.
- Discernimento espiritual não se aprende apenas nos livros, pois esta não é uma questão de mero conhecimento intelectual; não é fruto apenas de lógica ou estudo. Exige também oração, leitura da Palavra de Deus e comunhão com o Espírito Santo. Afinal, como Paulo disse: “o homem espiritual discerne bem tudo” (1Co. 2.15). O discernimento é uma operação direta do Espírito Santo na vida do crente; Ele atua como um sentinela da alma.
- A tradição cristã ao longo dos séculos acumulou uma variedade de ensinamentos e interpretações teológicas, o que é bom, mas também pode confundir, especialmente quando se afastam do Evangelho puro e simples.
- Muitas ideias modernas são revestidas de linguagem bíblica, mas negam as verdades centrais da fé cristã. Daí a importância de conhecermos e estarmos bem fundamentados na doutrina apostólica.
- O secularismo, o relativismo e o emocionalismo têm invadido púlpitos e grupos de ensino. Alguns conteúdos enfatizam o bem-estar humano acima da glória de Deus, transformando o Evangelho em auto-ajuda.
- Vivemos em uma era onde o “evangelho antropocêntrico” (centrado no ser humano) tenta substituir a soberania de Deus pelo desejo humano. O perigo não reside apenas nas heresias escancaradas, mas nas “meias verdades” que utilizam terminologia bíblica para validar conceitos puramente seculares.
- O discernimento espiritual nos leva a perceber quando a centralidade de Cristo está sendo substituída por ideias humanas. O que caracteriza um ensino que substituiu a centralidade de Cristo é o fato de ele estar focado no sucesso temporal (terreno), na satisfação do ego e na ausência de confronto com o pecado e da necessidade de redenção.
- **Uma questão muito importante aqui é: o discernimento não é saber distinguir o certo do errado; isso é fácil, quase não precisamos de discernimento para isso; o discernimento é saber**

distinguir o certo do “quase certo”, ou seja, daquilo que parece certo, que tenta nos enganar com aparência de retidão.

- E como discernimos? Como podemos identificar se uma mensagem é genuinamente bíblica ou apenas uma imitação sofisticada? Confrontando-a rigorosamente com as Escrituras Sagradas e buscando a iluminação do Espírito Santo, que testifica a verdade em nosso espírito.

- A Bíblia nos orienta de forma clara e direta a respeito do cuidado com os falsos ensinos. Em 1Ts. 5.21, Paulo nos exorta: “Examinai tudo. Retende o bem”. E notem que a recomendação de Paulo está no imperativo, é uma ordem, não uma opção. Precisamos analisar cada mensagem à luz das Escrituras e rejeitar aquilo que for contrário à verdade revelada.

- Jesus também nos advertiu contra falsos cristos e falsos profetas: “porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mt. 24.24).

- Semelhantemente, João também nos adverte: “Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1Jo. 4.1). Portanto, é nosso papel, como cristãos, testar o que ouvimos e vemos, discernindo entre a voz de Deus e a do erro.

- Isso exige maturidade cristã, oração e conhecimento bíblico. Precisamos estar sempre alertas, não apenas para identificar o erro, mas também para rejeitá-lo firmemente. O discernimento nos torna capazes de permanecer na verdade mesmo quando ela é impopular, nos guarda da sedução do engano e nos mantém fiéis à sã doutrina.

- Uma recomendação muito importante aqui é: sempre devemos questionar ensinos que prometem facilidades sem a necessidade de arrependimento e cruz. É sempre bom observar se a mensagem central de uma pregação ou ensino exalta a Cristo ou ao homem. Também devemos filtrar conteúdos de redes sociais comparando-os com o ensino tradicional da igreja e da Bíblia.

- Paulo deixa claro: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema” (Gl. 1.8). Ou seja, não podemos aceitar outro evangelho, além daquele que já aprendemos com base na Bíblia.

- Em outro trecho, Paulo também nos ensina: “Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (Cl. 2.8). Portanto, a verdade de Deus não é base em filosofias humanas, mas em Cristo.

- Além do discernimento individual (cada crente ter o seu próprio discernimento), o discernimento também pode ter uma função coletiva: proteger o rebanho de Deus. Os líderes da igreja precisam ser guardiões da verdade, responsáveis por conduzir a igreja na sã doutrina. Sem isso, o povo de Deus fica vulnerável, como ovelhas sem pastor, expostos a lobos vorazes que deturpam o Evangelho para benefício próprio.

- Por que o discernimento é considerado uma ferramenta de proteção para a igreja? Porque ele atua como um filtro espiritual que impede a entrada de heresias, modismos e ideologias contrárias ao Evangelho, preservando a pureza doutrinária e a saúde espiritual da igreja.

- Cabe à liderança examinar, confrontar e corrigir modismos doutrinários que entram sorrateiramente em nossos púlpitos, promovendo a unidade da fé. Unidade não é uniformidade de opinião (não significa que todos têm que pensar exatamente igual), mas coesão em torno da verdade bíblica.

- Nos Evangelhos, temos 14 referências em que Jesus adverte os discípulos a tomarem cuidado com os líderes que distorcem a verdade e enganam as pessoas (Mt. 7.15; 16,6,11; 24.4,24; Mc. 4,24; 8.15; 12.38-50; 13.5; Lc. 12.1; 17.23; 20.46; 21.8). Isso afora outras passagens em que a Bíblia nos instrui a examinar/provar os professores, pregadores e líderes da igreja, para verificar a sua sinceridade e garantir que suas vidas e mensagens sejam consistentes com os princípios e normas da Palavra de Deus (1Ts. 5.21; 1Jo. 4.1).

- Três passos importantes que precisamos tomar para discernir, testar e expor os falsos ensinadores ou falsos profetas: 1) discernir o seu caráter: estes ensinadores têm uma vida de oração diligente e consistente, mostrando uma devoção sincera e pura a Deus? São pessoas de honestidade, integridade e disciplina moral? Demonstrem o fruto do Espírito (Gl. 5.22-23)? Amam e vão até aqueles que ainda não têm um relacionamento pessoal com Cristo? Odeiam a iniquidade e amam a justiça (Hb. 1.9)? Pregam contra o pecado e evitam todas as suas formas em suas próprias vidas (Mt. 23; Lc. 3.18-20)?

- 2) discernir suas motivações: os verdadeiros e autênticos líderes cristãos procuram: a) honrar a Cristo acima de tudo (2Co. 8.23; Fp. 1.20); b) conduzir a igreja ao crescimento espiritual e à santidade espiritual (At. 26.18; 1Co. 6.18; 2Co. 6.16-18); c) levar aqueles que estão espiritualmente perdidos para a luz do perdão e a um relacionamento pessoal com Jesus (1Co. 9.19-22); d) proclamar e defender a verdadeira mensagem de Cristo, revelada em todo o Novo Testamento. Esses ensinadores têm essas mesmas motivações?

- 3) discernir seu nível de confiança na Palavra de Deus: se o que eles creem, pregam ou ensinam não é consistente com os escritos originais do Novo e do Antigo Testamento, sua mensagem deve ser rejeitada. Se eles não acreditam que a Bíblia é totalmente inspirada por Deus e que devemos nos submeter a todos os seus ensinamentos, qualquer coisa que eles ensinem estará sujeita à dúvida (2Jo. 9-11). Se um ministro não está pessoalmente convencido ou comprometido com a verdade da Palavra de Deus, podemos ter certeza de que ele e sua mensagem não são de Deus.

- A principal fonte de discernimento espiritual é a Palavra de Deus. Ela é o padrão absoluto pelo qual todas as ideias, experiências e ensinamentos devem ser avaliados. Quando a Bíblia é central em nossa vida, ela ilumina nossa mente para percebermos o erro (Sl. 119.105: “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho”).

- As Escrituras contêm tudo o que é necessário para a salvação e para uma vida piedosa. Nenhuma revelação moderna ou interpretação deve ser aceita se contradiz os ensinamentos claros da Bíblia.

- O discernimento exige familiaridade com a Bíblia: quanto mais estudamos e meditamos nela, mais sensível nos tornamos à verdade. Portanto, devemos dedicar tempo diário para a leitura sistemática da Bíblia, para que nosso padrão de comparação seja sempre a Verdade.

- A Bíblia deve ser lida com oração e dependência do Espírito Santo. Não basta ler descomprometidamente; não basta nem mesmo decorarmos versículos; não basta ainda termos conhecimento teológico profundo. É preciso aplicar a verdade de forma prática e humilde.

- Qual a diferença entre ter conhecimento bíblico e possuir discernimento espiritual? O conhecimento bíblico é a base intelectual e informativa; já o discernimento espiritual é a capacidade

dada pelo Espírito Santo para aplicar esse conhecimento na distinção prática entre o bem e o mal, o santo e o profano.

- O Espírito Santo é quem nos conduz à verdade plena. Jesus deixou claro que o Espírito nos guiaria em toda a verdade (Jo. 16.13). É Ele quem ilumina o entendimento espiritual.

- O Espírito Santo opera em harmonia com a Palavra. Ele jamais contradiz as Escrituras, pois foi Ele quem as inspirou. Por isso, se alguém alega ter uma revelação do Espírito, mas esta se opõe à Bíblia, essa revelação deve ser rejeitada.

- O verdadeiro discernimento é uma combinação da Escritura e da atuação do Espírito na vida do crente. O Espírito concede dons espirituais, entre os quais está o dom do discernimento de espíritos (1Co. 12.10 – texto bíblico da lição). Esse dom é fundamental para reconhecermos a origem de determinadas manifestações espirituais ou ensinamentos.

- Nem tudo que é espiritual procede de Deus; por isso, precisamos da sensibilidade do Espírito Santo para julgar com justiça. Precisamos orar especificamente para que Deus aumente nossa sensibilidade espiritual diante de novas doutrinas ou modismos.

- O discernimento que vem do Espírito também se manifesta em decisões cotidianas. Ele nos alerta, nos incomoda diante do erro, e nos dá sabedoria para agir. Uma vida cheia do Espírito é uma vida de vigilância, sabedoria e sensibilidade à verdade de Deus.

- O discernimento se desenvolve com a maturidade espiritual. Hb. 5.14 (texto principal da lição) afirma que o alimento sólido é para os adultos espirituais, que, pela prática, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal.

- Isso mostra que o discernimento é também resultado de uma caminhada na fé constante e obediente. A maturidade espiritual não é medida por tempo de conversão, mas por profundidade de relacionamento com Deus e conhecimento de Sua Palavra.

- Um cristão maduro sabe identificar sutilezas do erro, discernir motivações doutrinárias, mesmo que disfarçadas de piedade. Ele não é levado por qualquer vento de doutrina (Ef. 4.14).

- Essa maturidade também se reflete na paciência, na humildade e na disposição de ouvir e aprender. Discernimento não é arrogância espiritual, mas fruto de uma fé enraizada. O cristão maduro sabe que ainda está em crescimento, e isso o torna mais vigilante e dependente da graça de Deus.

- A Bíblia nos ensina que devemos julgar com justiça e segundo os critérios espirituais (Jo. 7.24). Isso mostra que o discernimento exige mais do que impressões superficiais; requer uma análise profunda, com base na verdade e não em preferências pessoais.

- Julgar corretamente também significa não ser precipitado. É necessário ouvir, observar, comparar com as Escrituras e orar antes de tirar conclusões. O discernimento espiritual é lento, criterioso e movido pela humildade.

- Muitos erros ocorrem porque as pessoas julgam com base em emoções ou simpatias, e não pela verdade revelada. Não podemos aceitar ensinamentos baseados apenas no carisma do pregador ou na intensidade da experiência emocional.

- O julgamento correto é isento de hipocrisia. Jesus criticou os fariseus por julgarem os outros com rigor enquanto ignoravam seus próprios pecados (Mt. 7.1-5). Antes de apontar o erro alheio, devemos examinar a nós mesmos à luz da Palavra. O discernimento começa no coração que ama a verdade.

- **Neste ponto, precisamos ter muito cuidado com as nossas emoções.** As emoções são dádivas de Deus, mas não devem governar nossas decisões espirituais. Muitos crentes confundem emoção com presença de Deus, ou tomam decisões baseadas em sentimentos momentâneos.

- O discernimento exige equilíbrio: acolhemos as emoções, mas as submetemos à razão iluminada pela Palavra. As emoções podem ser manipuladas e nem sempre correspondem à verdade bíblica, levando o crente a aceitar o erro simplesmente por “sentir-se bem”.

- Jeremias deixou claro que o coração humano é enganoso (Jr. 17.9). Isso significa que nem sempre nossos sentimentos refletem a vontade de Deus. Um ensino pode ser emocionante e carismático, mas falso. Por isso, não devemos confiar apenas em experiências subjetivas; precisamos do critério objetivo da verdade bíblica.

- O discernimento requer que separemos a experiência emocional da verdade doutrinária. Nem tudo que nos faz sentir bem é, de fato, bom espiritualmente.

- O discernimento também se expressa na obediência prática à verdade revelada. Conhecer o certo e não praticar é um tipo de engano (Tg. 1.22). A verdadeira sabedoria não está apenas em identificar o erro, mas em viver de forma coerente com a verdade.

- O discernimento se completa na vida obediente. A obediência demonstra que confiamos em Deus e na veracidade da Sua Palavra. Quando seguimos a verdade mesmo diante de pressões ou oposição, mostramos que estamos firmados no Evangelho. A fé madura se manifesta em atitudes que refletem a verdade que cremos e proclamamos.

- A prática da obediência também protege contra o engano. Quem vive a Palavra conhece o Seu poder e não se deixa seduzir por mensagens que prometem atalhos ou bênçãos sem cruz.

- O discernimento se reforça na fidelidade, pois quem anda na luz reconhece facilmente as trevas (1Jo. 1.7). A melhor forma de manter o discernimento espiritual ativo é andando em submissão à verdade. Obedecer à Palavra nos torna mais sensíveis à voz de Deus, mais firmes diante das heresias e mais úteis ao Reino.

- Em suma: o discernimento não é um dom reservado a poucos, mas uma responsabilidade de todo cristão. Nossa oração deve ser com a do salmista: “Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei” (Sl. 119.18). Que Deus nos dê olhos espirituais abertos, ouvidos atentos e corações dispostos a seguir a verdade, mesmo quando ela nos confronta.

- Encerrar com quiz bíblico e charadas bíblicas sobre todas as lições do trimestre.

Texto Áureo:

Hebreus 5.14

Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal.

- As verdades cristãs — principalmente a perspectiva cristológica do AT, que não pode ser encontrada na superfície — podem ser compreendidas e ensinadas somente por cristãos maduros. Estas pessoas maduras são agora definidas como aquelas que em razão do costume, têm os sentidos exercitados (plenamente treinados) para discernir tanto o bem como o mal. Sentidos aqui refere-se à sua “percepção interior” (Mueller). A habilidade no discernimento é, portanto, a marca da maturidade. Bem e mal podem ser tanto éticos quanto doutrinários; provavelmente as duas ideias estejam incluídas, embora o contexto sugira uma ênfase imediata na verdade e erro em relação a Cristo e às Escrituras. Mas, duas coisas estão claras: 1) a perfeição neste texto pode ser definida como maturidade; e 2) a “maturidade” confessada em que não há percepção confiável entre o bem e o mal não é genuína.

- A frase em razão do costume (*dia ten hexin*) implica que maturidade é um conhecimento gradual por meio da prática. Mas isto não está totalmente correto. Hexin como substantivo significa “hábito” ou uma condição do corpo ou da mente. O significado poderia ser: Os plenamente maduros são aqueles que, por causa do seu estado espiritual avançado têm suas faculdades espirituais plenamente treinadas. Em outras palavras, um nível mínimo de maturidade espiritual é um pré-requisito para a prática habitual. A prática por sua vez evidencia a maturidade e a aumenta.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

1 Coríntios 12.4-11

4 Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.

- A variedade de dons (12.4). A palavra diversidade transmite a ideia de uma distribuição, divisão ou repartição. O Espírito Santo não se contradiz. Dessa forma, qualquer dom que Ele concede a uma pessoa não está em oposição ao dom que foi dado à outra, nem um dom seria superior ou inferior a qualquer outro. Todos os dons procedem de Deus e são usados na sua obra redentora entre os homens.

- Os dons (charisma) se originam da mesma raiz da gloriosa palavra cristã graça (*charis*). A ideia é de alguma coisa que foi concedida, e nesse sentido todos os cristãos recebem dons de Deus, à medida que o amor e a graça e a totalidade da vida cristã são concedidos ao homem. Mas, em um sentido especial, alguns membros da igreja recebem dons além daqueles que estão diretamente relacionados com a salvação pessoal. Esses dons especiais variam em número, mas todos vêm do mesmo Espírito.

5 E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo.

- A variedade de maneiras de servir (12.5). Além de uma grande variedade de dons que representam uma expressão direta do Espírito Santo, existe uma grande distribuição de ministérios (ou “serviços”, RSV). A maneira como os dons são usados é chamada de serviços ou ministérios (*diakonia*). Esta palavra grega denota “cada serviço que visa o bem da igreja”. Aparentemente,

Paulo inclui o conceito de “serviços” à ideia dos dons para minimizar a importância destes, e maximizar a unidade do Espírito.

6 E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.

- Uma variedade de resultados (12.6). Também existe na igreja uma diversidade de operações. A palavra operações (*energmaton*) sugere uma “coisa trabalhada” ou um efeito produzido. Existem diferentes forças trabalhando dentro e através da igreja, produzindo diferentes resultados. Existem provas, em toda parte, na criação e na igreja, das maneiras pelas quais Deus opera. Mas Ele nunca opera contra si mesmo e aqui o apóstolo novamente desenha um contraste entre a harmonia das manifestações de Deus e as dissensões e divisões entre os coríntios.

7 Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil.

- O Espírito Santo opera a favor de um único propósito (12.7). Os dons, ministérios e resultados produzidos por toda a obra têm um único propósito - beneficiar a igreja toda, e glorificar a Deus. Dessa forma, os dons não devem alimentar a rivalidade ou gerar a inveja. Os dons espirituais são concedidos para o que for útil, isto é, para beneficiar os outros. Eles são destinados ao bem comum.

8 Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência;

- Os vários dons são concedidos pelo Espírito e isso indica que todos são úteis. Eles são concedidos ao homem de acordo com a soberana vontade de Deus e não de acordo com a vontade do homem. Os versículos 8-10 apresentam uma lista de nove dons. Todos eles são concedidos através do Espírito Santo. Deus concede os dons, mas isso é feito através do Espírito Santo, o Diretor especial da Igreja depois do Pentecostes. O Espírito Santo também determina o caráter dos dons (Rm 5.5; 8.12; Ef 4.4; 1 Ts 4.8).

- A Palavra da Sabedoria (12.8a): O termo Palavra significa alguma coisa dita ou falada. Sabedoria (*sophia*) quer dizer: “Julgamento de Deus diante das demandas feitas pelo homem, especificamente pela vida cristã”. E essa sabedoria prática que Tiago considera como sendo um dom de Deus (Tg 1.5). Nesse sentido, “a sabedoria é a capacidade de aplicar nosso conhecimento aos julgamentos ou à prática”.

- A Palavra da Ciência (12.8b): Ciência (ou conhecimento; *gnosis*) “implica em pesquisa e investigação, embora ciência não deva ser entendida em um sentido puramente intelectual; ela tem um caráter existencial”. Paulo também faz a associação da ciência com uma espécie de consciência mística sobrenatural, e a relaciona aos mistérios, revelações e profecias (13.2; 14.6). Enquanto a sabedoria vem inteiramente do Espírito, a ciência (ou conhecimento) vem à medida que o Espírito concede.

9 e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar;

- A Fé (12.9a): Pelo termo fé o apóstolo está querendo dizer aqui “uma fé que tenha resultados especiais e visíveis, uma fé que permita a alguém realizar milagres”.¹⁸ Este é o tipo de fé que Paulo está retratando em 13.2 - a fé que move montanhas. Whedon sugere uma ideia diferente quando escreve que essa espécie de fé é “a realização das divinas realidades pelas quais se forma um poderoso e heroico caráter cristão, exibida em uma resistente manutenção da verdade, e em um

destemido sofrimento”. O dom da fé permitiu que os cristãos se tornassem testemunhas desinibidas e mártires destemidos.

- Dons de Curar (12.9b): O poder de realizar o milagre de uma recuperação dramática da saúde, era um dos dons concedidos pelo Espírito à Igreja Primitiva. Adam Clarke sugere que este dom “se refere simplesmente ao poder que, em momentos especiais, os apóstolos receberam do Espírito Santo para curar as doenças”. Este escritor afirma que os apóstolos não tinham esse poder como um dom permanente que se tornava efetivo em todas as ocasiões. Paulo não pôde realizar a cura de Timóteo, e nem mesmo remover o espinho da sua própria carne. A palavra curar está no plural no texto grego, indicando diferentes “curas” para vários tipos de moléstias ou enfermidades.

10 e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas.

- Operação de Maravilhas (12.10a): A palavra maravilhas (ou milagres; *dynameon*) enfatiza o elemento do poder, e pode se referir à capacidade de realizar extraordinários esforços físicos (2 Co 11.23-28). João Calvino relaciona esse tipo de poder milagroso a acontecimentos como a cegueira de Elimas (At 13.11) e morte repentina de Ananias e Safira (At 5.1-10).

- Dom de Profecia (12.10b): No AT, as profecias continham tanto as previsões de fatos que viriam a ocorrer, quanto à proclamação de alguma mensagem de Deus. Para muitas pessoas, o elemento da previsão superava o da proclamação. Outras preferiam minimizar o elemento da previsão e consideravam a profecia como apenas uma declaração da mensagem de Deus para a época em que viviam. Ambos os elementos sempre estiveram presentes, embora a ênfase mais importante da profecia, mesmo no AT, fosse a direta apresentação da mensagem de Deus às pessoas da época em que o profeta vivia. No NT, a profecia podia ser ocasional (At 19.6) ou uma função permanente (1 Co 12.28). No NT, a palavra profecia “é aquele dom especial que exorta e capacita certas pessoas a transmitir revelações de Deus à sua igreja”. Um outro estudioso interpreta a profecia como “uma inspirada transmissão de exortações, instruções ou advertências”.

- Whedon nos dá uma abrangente definição: “Uma inspirada pregação; predizendo o futuro, expondo misteriosas verdades, ou pesquisando os segredos do coração e do caráter dos homens”. Paulo tem uma elevada opinião sobre a função dos profetas, como indica a comparação que fez no capítulo 14 entre profetizar e falar em línguas.

- Discernimento de Espíritos (12.10c): Todo cristão deve ter, em certo grau, a capacidade de “provar os espíritos” (1 Jo 4.1). Pois, de outra forma, ele se tornará uma vítima de falsas impressões exteriores ou de impressões destruidoras interiores. Aqui, o texto original fala sobre o discernimento, querendo dizer que o cristão deve estar continuamente alerta quanto à orientação do Espírito Santo. Mas, aparentemente, alguns têm o dom de uma visão especial interior, e o conhecimento e a habilidade de distinguir entre as expressões proféticas a fim de saber se elas procedem de espíritos falsos ou do genuíno Espírito de Deus.

- Paulo acreditava que existiam espíritos malignos operando nas igrejas dos gentios e entre os cristãos gentios (1 Ts 2.2). Em algumas ocasiões, estes espíritos se manifestavam não só através de falsas profecias, mas também da realização de milagres (At 19.13-16). “Em geral, havia uma imitação demoníaca dos charismata e da obra de Cristo”. Uma excelente descrição do dom de discernir os espíritos é: “O poder de detectar o hipócrita, como Pedro fez com Ananias; de distinguir os dons verdadeiros dos falsos; e de reconhecer a genuína inspiração”. O problema da

Igreja Primitiva não era a sociedade secularizada, mas as religiões pagãs. Com tantas reivindicações pela direção divina, era essencial que a igreja fizesse a distinção entre as verdadeiras afirmações e as falsas.

- O falar em línguas (12.10d): A excessiva preocupação pelo dom de variedade de línguas representava o âmago do problema dessa seção. A palavra línguas (glosson) aparece sob várias interpretações: a língua falada ou a língua em ação; com palavras raras, provinciais, poéticas ou arcaicas; a linguagem espiritual, desconhecida pelo homem e pronunciada em um estado de êxtase; e a linguagem conhecida ou dialeto.

- Entre os comentaristas mais antigos era costume interpretar tanto as línguas do Pentecostes, como as línguas de Corinto, como línguas conhecidas. Escritores como Lange, Calvino, Adam Clarke e Matthew Henry têm esta opinião. Escritores mais recentes preferem fazer uma distinção entre os dois tipos de línguas. Um estudioso que aceita as línguas do Pentecostes como sendo as línguas faladas na ocasião, escreve sobre as línguas de Corinto: “Outros possuíam um estranho dom chamado dom de línguas. Não sabemos exatamente do que se tratava, mas parece ter sido uma espécie de exclamação inconsciente através da qual o orador exprimia uma rapsódia apaixonada onde seus sentimentos religiosos recebiam expressão e exaltação”. Já um escritor contemporâneo afirma que “a falta de qualquer necessidade de interpretação [no Pentecostes] torna difícil identificar a situação com a qual Paulo está procurando regulamentar a igreja de Corinto”.

- Parece, pela discussão de Paulo sobre a situação dos coríntios, que o problema era a exclamação em êxtase. A solução de Paulo considerava que esse dom certamente não deveria ser admitido como parte do trabalho evangelístico da igreja, nem entendido como extremamente significativo quando comparado com os outros dons. Embora toda essa questão seja bastante delicada, a opinião do autor é que havia um dom válido de falar em línguas na Igreja Primitiva, e que Paulo tinha consciência do verdadeiro dom pentecostal de falar línguas conhecidas. Porém as línguas faladas em Corinto podem não ter sido deste tipo. É bastante possível que o verdadeiro dom de variedade de línguas, relacionado com o Pentecostes, pudesse ter degenerado em expressões ininteligíveis na vida dos instáveis cristãos de Corinto.

- A Interpretação das Línguas (12.10e): Existem duas explicações para o dom especial de interpretar as línguas. Uma delas é que “este é um dom pelo qual Deus torna inteligível aquilo que está oculto em todas as afirmações proferidas em êxtase”. Outra explicação foi sugerida por Adam Clarke: “Era necessário que, enquanto alguém estivesse falando sobre as profundas coisas de Deus em um grupo onde vários dos que estavam presentes não compreendiam - embora a maioria compreendesse - que uma das pessoas conseguisse interpretar imediatamente o que estava sendo dito àquela parte da congregação que não entendia a língua”.

11 Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.

- O versículo 11 insiste novamente no ponto principal de toda a discussão, isto é, que todos os dons vêm do Espírito. O verbo opera está no presente, e “implica que o Espírito concede esses dons continuamente”. A unidade e a consistência do propósito divino estão reveladas na expressão um só e o mesmo Espírito. Diferentes dons não indicam diferentes propósitos divinos. Deus não está se contradizendo, nem causa qualquer atrito, na forma como distribui esses dons. A frase: repartindo particularmente a cada um indica que Deus lida com o homem em uma base pessoal e individual.

- Como quer indica que o soberano Deus concede os dons em harmonia com o seu propósito. É Deus, e não o homem, quem escolhe o dom a ser concedido. Portanto, o homem não deve impor qual dom deveria ser escolhido, embora Paulo nos advirta dizendo: “Procurai com zelo os melhores dons” (12.31). Certamente nenhum dom deveria ser considerado uma prova de espiritualidade superior, e nenhum deles deveria ser escolhido como uma exclusiva manifestação do Espírito Santo, pois isso seria fazer uma distorção da obra do Espírito e romperia a unidade divina.

Referências bibliográficas:

- ALVES, Eduardo Leandro. **Entre a verdade e o engano:** Combatendo ideologias e ensinos que se opõem à palavra de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2026. [Livro de Apoio].
- _____. **Lições Bíblicas Jovens — 2º Trimestre de 2026:** Entre a verdade e o engano — Combatendo ideologias e ensinos que se opõem à palavra de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2026. [Revista EBD].
- BAPTISTA, Douglas. **Valores Cristãos:** Enfrentando as Questões Morais do Nosso Tempo. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.
- **Bíblia Apologética de Estudo.** 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento.** 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo.** 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake.** Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética.** Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento.** Editora Vida Nova, 2005.
- GOMES, Osiel. **O discernimento do cristão.** Subsídio em vídeo publicado no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=OK02nKwtc7c>
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento.** Editora Vida Nova, 2012.

NASCIMENTO, Janderson. **O discernimento do cristão**. Subsídio publicado em vídeo no *site* <https://www.youtube.com/watch?v=jOXygVlfd2Y>

- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- SANTOS, Jeovane. **O discernimento do cristão**. Subsídio publicado no *site* <https://descomplicandoateologiaebd.com/>
- SILVA, Wanderson. **O discernimento do cristão**. Subsídio em vídeo publicado no *site* https://www.youtube.com/watch?v=kF39e8SW_cU&t=429.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.